



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à sede do Assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho**

**Campo Florido, MG, 19 de fevereiro de 2004**

Mas, companheiros e companheiras, eu queria dizer uma coisa para vocês, com muito carinho e com muito amor: nós temos um compromisso de vida com a reforma agrária, no Brasil. O compromisso de vida que nós temos com a reforma agrária é um compromisso que antecede à criação do PT, à criação da CUT, à criação do MST, é um compromisso que antecede à criação de todos os movimentos que lutam pela reforma agrária, neste país.

Quando eu tomei posse e convidei o companheiro Miguel Rosseto para ser o ministro do Desenvolvimento Agrário, eu disse a ele: “É melhor a gente parar, pensar, refazer o que tiver que ser feito e fazer assentamentos de verdade, neste país, ou nós vamos continuar, como sempre se fez, no Brasil, a brincar de assentar pessoas, jogando-as no meio do mato, sem dar assistência técnica, financiamento, sem dar condições de essas pessoas produzirem e viverem dignamente”.

Quando tomamos posse, meu caro Aécio, nós descobrimos que 90% dos assentamentos, neste país, não tinham licença ambiental. Pelo fato de não ter licença ambiental, a maioria dos assentamentos não conseguia ter acesso ao PRONAF, para pegar financiamento para a sua produção.

Então, a primeira coisa que nós fizemos foi tentar ordenar, para que os assentamentos fossem se regularizando, porque não adiantaria nada anunciarmos um montante de dinheiro para crédito para, quando chegasse o final do ano, percebermos que esse crédito continuaria no Banco do Brasil, porque a maioria das pessoas não tinha acesso.

Uma outra coisa grave é que a determinação para o dinheiro do PRONAF é quase que uma parceria entre o Banco do Brasil e os bancos



privados. Acontece que bancos privados não têm interesse em emprestar dinheiro para o pequeno e, portanto, esse dinheiro vai para o Tesouro. Eles preferem ficar com o dinheiro no Tesouro, sem ganhar 1% de juros do que emprestar para o pequeno, porque não têm a prática.

Eu vou mostrar como algumas coisas mudaram, neste ano, porque é importante a gente trabalhar com informação correta, para não cometer erros e nem injustiças com companheiros.

Em 2002, no ano inteiro, foram liberados apenas 2 bilhões e 200 milhões de empréstimo para a agricultura familiar. Nesses últimos sete meses – portanto, cinco meses menos do que o ano de 2002, porque começou em julho – nós já emprestamos 3 bilhões e 800 milhões de reais para a agricultura familiar, via PRONAF. Um bilhão a mais, em apenas sete meses de funcionamento.

A verdade, meu caro José Alencar, meu caro Aécio, é que nós descobrimos isso depois que anunciamos a liberação, porque descobrimos, Aécio, que em muitas agências do Banco do Brasil, em muitos lugares, os gerentes não estavam mais habituados a emprestar dinheiro para o pequeno. Portanto, ele nem sabia como fazer. Foi preciso parar o Programa, por quase 40 dias, para preparar os gerentes do Banco do Brasil, nas cidades pequenas, para que eles pudessem fazer empréstimo para a agricultura familiar.

Esse dinheiro, Aécio, vai até julho, ainda, são 12 meses. E eu tenho certeza que, pela primeira vez, o povo do Nordeste brasileiro teve acesso ao PRONAF. Nunca antes, o povo do Nordeste, o pequeno proprietário do semi-árido tinha tido acesso ao dinheiro do PRONAF. Pela primeira vez eles tiveram o incentivo necessário para ir ao banco e tomar 2 mil, 3 mil, 1.500 reais emprestados, para cuidar da sua lavourazinha.

E nós sabemos que aqui, em Minas Gerais, se você conversar com o Miguel Rosseto, você vai perceber que cresceu enormemente o nome de agricultores familiares que tiveram acesso ao dinheiro do PRONAF. O



Governador está dizendo: “De 70 mil famílias, passaram para 300 mil as que tiveram acesso ao dinheiro”.

E nós ainda temos dinheiro para liberar, esse dinheiro vence em julho. Possivelmente tenhamos algum problema, em alguma região do país, mas nós, certamente, vamos liberar mais dinheiro do que em qualquer outro momento da História deste país. E é pouco. Agora, nós só poderemos colocar mais dinheiro no Banco do Brasil para liberar, se a gente começar a utilizar o que tem, porque não quero repetir erros de outros governantes, que anunciavam na televisão que ia liberar 10, e quando chegava o final do ano liberava 1 e ninguém ficava sabendo. Eu, pelos compromissos históricos que tenho com vocês, prefiro muitas vezes dizer uma verdade dura, que as pessoas não gostam, do que contar uma mentira fácil, que engane as pessoas por meia dúzia de dias ou por poucos meses.

Nós temos consciência da importância da reforma agrária. É por isso que não fiquei no gabinete, esperando uma delegação do movimento que estive em Brasília, para me entregar uma reivindicação. Eu fui ao encontro dos companheiros para falar, de viva voz, para todo mundo. Fui assumir um compromisso que não era teórico, porque uma coisa é colocar no papel: “assentar 10 milhões”, “assentar 1 milhão”. Outra coisa é ter organização e estrutura para assentar as pessoas que precisam ser assentadas. Nós, além das 400 mil, resolvemos regularizar mais 130 mil, num total de 530 mil pessoas. Eu quero, na frente de vocês, dizer que o companheiro Rossetto sabe da tarefa gigantesca que está sobre os ombros dele, ele sabe da tarefa alucinante que está sobre os ombros dele, e ele sabe que nós montamos até um grupo interministerial para acompanhar o assunto junto com ele, para tentarmos acabar com as dificuldades e facilitar o trabalho dos assentamentos.

Eu quero dizer para vocês que não é tarefa fácil assentar, em três anos e meio, 530 mil famílias neste país. Não é fácil, não é tarefa pequena, é uma coisa fácil de falar, mas é uma coisa extremamente complicada de fazer. Se



fosse apenas para pegar os assentados ou os acampados que estão na beira das estradas e jogar num terreno, longe das cidades, eu não teria problema de fazer, colocaria até caminhão. Agora, como eu tenho uma relação de respeito pela minha origem, e tenho uma relação de respeito pelo que vocês representam neste país, eu prefiro dizer para vocês: nós não faremos assentamentos como eram feitos. Para o assentamento ser feito, temos que ter certeza que a pessoa vai ter a terra, que as crianças vão ter escolas, que as pessoas vão ter casas, vão ter assistência técnica, vão ter escoamento da sua produção; nós vamos ter a certeza que vamos organizar as pessoas em cooperativas; nós vamos ter que ter certeza que nós vamos criar as agroindústrias, para que elas possam dar emprego para a juventude que, necessariamente, não quer trabalhar no campo, mas pode trabalhar numa agroindústria, para colocar valor agregado no produto que vocês produzem no campo. É assim que a gente quer fazer uma reforma agrária.

E é por isso que eu tenho discutido com os companheiros que esse é um novo padrão de reforma agrária, é um novo modelo. Ele pode demorar um mês a mais, dois meses a mais, mas podem ficar certos que ele vai sair e vai sair com a qualidade que o povo deste país precisa, porque esse povo não pode continuar a ser enganado mais 100 anos, como foi, no século passado.

O povo tem que saber que, muitas vezes, quando se fica sabendo que é o Governo que vai desapropriar uma terra, essa terra triplica de preço. Todo mundo sabe. Porque hoje, neste país, só quem compra terra, Aécio, é o Governo.

Nós estamos estudando um outro jeito, para que possamos ter a terra a um preço mais barato. Porque, se gastarmos todo o dinheiro da reforma agrária para comprar terra, não teremos dinheiro para a educação, para as casas, para assistência técnica, e para emprestar.

Eu vim aqui há 10 anos, estou aqui hoje, e eu quero estar com a minha consciência tranqüila de que, em cada lugar que eu encontrar vocês, eu possa



cumprimentá-los de cabeça erguida, olhando no olho, porque eu quero ter a consciência que, se eu não fiz tudo que eu queria, não foi porque eu não quis, foi porque eu não pude. Mas nunca deixei de ser verdadeiro com aqueles companheiros que, historicamente, estiveram juntos comigo em todas as lutas que nós travamos neste país.

A revolução que vocês sonham não acontece com passe de mágica, e muito menos as coisas que nós desejamos acontecem com as facilidades de um discurso. Muitas vezes, quando vamos transformar os nossos discursos em coisas práticas, começamos a perceber que nem tudo é tão fácil, que não estamos no mundo sozinhos, que têm obstáculos, e que temos que ir vencendo cada obstáculo com a tranqüilidade necessária, para que não sejamos atropelados. A história mostra que, muitas vezes, pessoas tentaram fazer coisas com mais pressa do que deviam e não conseguiram fazer nada. Eu não ganhei de presente o mandato de presidente da República, eu perdi três eleições neste país. Muitos já teriam desistido, antes de tentar a quarta vez. E eu cheguei lá. Cheguei lá e sei o que se tem que fazer, neste país. Mas farei com o cuidado necessário, para não fazer com a pressa descabida de quem pode parar no meio do caminho.

Por isso a reforma agrária para mim é um compromisso histórico, mais do que um compromisso programático, é um compromisso de vida, muito mais do que um compromisso de um presidente da República porque, mesmo quando eu deixar o mandato, eu vou continuar brigando para que a gente nunca pare de fazer reforma agrária no nosso país.

Muito obrigado. Meus parabéns a todos vocês e boa sorte, companheiros. Boa sorte, e podem ficar certos que nós vamos reestruturar o Incra. Vocês sabem que o Incra estava desmontado, nós vamos reestruturá-lo para que ele possa trabalhar com a rapidez necessária e fazer as coisas que têm que ser feitas no Brasil. A única coisa que eu quero pedir – vocês podem até perder a paciência, que é um direito do ser humano – mas, por favor, não



percam nunca a esperança, porque as coisas irão acontecer com mais rapidez.

Muito obrigado.

/mcpro/vpm